



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

ESPOSENDE — CIDADE



**19 DE AGOSTO
1993**



**FÃO SAÚDA
A CIDADE
DE ESPOSENDE**

EDITORIAL

EM FÃO JÁ SE NÃO CANTA O FADO

Sempre que passamos junto à Lareira e vemos aquelas portas encerradas, mais a mais com o letreiro «Passa-se», sentimo-nos triste. Foi, de facto, mais uma casa que fechou, mas aquela contem para nós e para muita boa gente reminiscências especiais. Que noites de glória ali já se passaram!... Eram pessoas de diferentes partes que lá se juntavam para ouvirem os melhores e as melhores fadistas do norte. Era o silêncio, era o embevecimento, eram as palmas que estrelavam no fim de cada actuação. Era o Altino, ele também fadista de fina água, a apresentar os seus comparsas. Eram grupos que ali vinham comemorar o aniversário de um amigo ou de uma amiga e lá se deixavam ficar até às tantas. Eram as gui-

tarras que ora soluçavam e se espriavam pelo espaço como a espuma branca das ondas do mar. Eram os «espontâneos» que apareciam com muita frequência e se ofereciam ou quase rebentavam se não iam entoar as suas endexas.

Verdade seja dita que os fangueiros não aguentavam, por si sós, uma casa deste género. Nem uma casa de fados, nem um restaurante, nem uma casa de doces, nem casas de outras mercancias. Mas havendo verdade e qualidade naquilo que se vende, o negócio prospera e torna-se chamariz para gente de fora. Isso estava a acontecer na Lareira. Ali não se impingia gato por lebre. Comia-se boa comida de rosto caseiro. Havia afabilidade. O ambiente era acolhedor. As pessoas sentiam-se bem. Os artistas (eles e elas) cultivavam as boas maneiras, possuíam nível cívico e artístico e facilmente acamardavam. A Lareira estava, por isso, vocacionada para o sucesso. Não era uma casa que se confinava à vila. Os seus fregueses, numa grande maioria, eram gente de fora partes. O fado requer uma sensibilidade própria, mas tem os seus cultores, os seus fãs, quase que lhe chamaríamos fanáticos que percorrem quilómetros e quiló-

metros, quer chova, quer faça vento ou frio, para se deleitarem com a sua audição. Fão tornou-se mais conhecido e frequentado pela sua casa de fados.

Apesar de todo este panegírico assente em bases reais, a Lareira fechou. A GNR de Esposende apareceu e fez exigências por certo subscritas pela lei: que era precisa uma porta de emergência, que não podia prolongar-se a sua abertura para além das duas horas da madrugada, etc., etc. Quanto ao fecho destes estabelecimento, nós entendemos que se deveria usar aqui de um sistema que analogicamente funcionou para o futebol: sempre que havia distúrbios num campo, este devia passar a ter uma rede de protecção. Também as casas de fados, pubs e similares deviam ter autorização para se manter abertos até às tantas, e só em casos de desordem é que o rigor de justiça devia actuar e limitar-lhes progressivamente o horário nocturno.

Como já havia uma pendência familiar, o casal Cândida-Alexandre mandou tudo às malvas, encerrou o estabelecimento e limitou-se a colocar um letreiro: «PASSA-SE».

Sem dúvida que Fão ficou mais pobre.

FESTAS DA SR.^a DA BONANÇA

Decorreram com muita animação as festas da Senhora da Bonança realizadas em Fão nos dias 6, 7 e 8 de Agosto. Não faltaram números originais como os de tarde de sábado, dedicado ao Pescador e que constou de jogos populares como corrida de sacos, a malha, etc.

O Piquenique Fangueiro, realizado na tarde de domingo, reatou uma antiga tradição, pois neste dia sempre as pessoas de Fão vinham comer ao pinhal. Com mais ou menos frequência o costume manteve-se e é de elogiar a Comissão por se ter esforçado para que tão antigo costume não morra.

A procissão de domingo com sermão e bênção do mar radica no tempo em que existia na terra fangueira grande número de pescadores, hoje quase desaparecidos.

Não há dúvida que a Comissão encheu-se de bríos e preencheu com um programa aliciente os três dias das festas. Dizem-nos que os elementos da Comissão pretendem dar lugar aos novos. Mas nós perguntamos: que novos?

CASAMENTO

No Templo de Bom Jesus realizou-se o casamento do dr. Artur Jorge da Silva Viana com a menina Maria Amélia da Silva Carvalho.

Muitas felicidades para o jovem casal.

NORBERTO MOTA: O novo comandante dos Bombeiros de Fão



*Seco de carnes, miúdo, embigodado,
Eis Berto Mota, um tipo prazenteiro,
Apesar de perseguido e «apertado»
Escolheu a nobre causa do bombeiro.*

*Na política era o «Homem de Momento»,
A Junta seria o justo pedestal,
Só que d'outro lado há forte movimento
P'ra que fosse Provedor do Hospital.*

*A todos os namoros foi dizendo não,
«Voluntário» sempre foi sua paixão,
A que se quer dedicar a tempo inteiro...*

*Não quis favores, nem bonras, nem proveito,
Quis dar à terra o seu talento e jeito,
Vestindo com orgulho... a farda de Bombeiro!*

ENTRE NÓS

Tivemos o grato prazer de abraçar nesta vila o nosso prezado amigo e grande amigo de «O Novo Fangueiro», Boaventura Peixoto.



A Capela da Senhora da Bonança

Cartas ao Director:

Ex.mo Senhor
Director de «O NOVO FANGUEIRO»

CONSTRUÇÃO DO NOVO QUARTEL PRESTAÇÃO DE ESCLARECIMENTOS

No número do jornal «O Novo Fanguero», agora distribuído, publica V. Ex.^a, ilustrada com fotografia tirada de ângulo mais conveniente ao ponto de vista defendido, sobre a construção do novo Quartel desta Benemérita Associação, em que são produzidas afirmações que não correspondem à verdade e que podem, até, ser bem prejudiciais à campanha de angariação de fundos que se está a levar a efeito.

Assim, numa tentativa de se repor a verdade e, já agora, de prestar aos nossos beneméritos Amigos e à população em geral, muito agradecemos à V. Ex.^a se digne publicar, no próximo número do jornal, as modestas e mal alinhavadas palavras que se seguem:

1 — Quanto ao que V. Ex.^a diz a respeito da esquina, que aparece na fotografia, nem «quase encostar ao prédio em frente», nem «foram aproveitados até aos últimos milímetros», pois que, quanto ao alinhamento do prédio anterior ficou aquela esquina recuada cerca de meio metro. E tanto assim é que, antigamente, quem, vindo da Rua Azevedo Coutinho, dobrava a esquina da casa do Mário Belo, não tinha qualquer vista sobre a Rua dos Bombeiros Voluntários, o que hoje não acontece, como V. Ex.^a poderá verificar pessoalmente, se a «má-fé», que parece usar no tratamento do assunto, tal lhe permitir.

2 — Sim, sem dúvida que, tanto nos Bombeiros Voluntários, como na Junta de Freguesia. Há quem perceba de obras, como também havia na Junta anterior. Isso porém, «nem aquece, nem arrefece», pois que nos termos legais, a Junta não é tida nem havida na apreciação de projectos de construção, na sua área de jurisdição, e, quanto à Direcção dos Bombeiros, ela viu-se perante tão fortes condicionamentos que a eles se teve de vergar:

a) — Construir ao longo da Avenida António Veiga, do lado do rio, foi logo o assunto arrumado, pois iria tapar a panorâmica sobre o rio;

b) — A ideia de aquisição do terreno, que era do Sr. Gandarela, também teve de ser posta de parte, não só pela exorbitância do preço pedido, mas principalmente também por falta de beneplácido da Edilidade, entidade que financiaria tal aquisição.

c) — Iniciam-se, ainda, conversações para aquisição do terreno que, pelo Sul, confina com a Oficina «Auto-Chapinhas» mas também essas conversações goraram-se, porque, disseram, que um desses «Bons amigos de Fão» «foi oferecer melhor preço, acabando, contudo, por não comprá-lo».

3 — Tirando estas três hipóteses, uma vez que construir no pinhal estava fora de questão, só se se fosse construir na Apúlia ou Fonte Boa, o que, sem dúvida, seria inconcebível, dado que a grande maioria do Corpo Activo reside em Fão.

4 — Além desses óbices, um outro houve que pesou muito mais na resolução tomada de se construir o Quartel onde está a ser construído. Como é óbvio uma obra desta não pode ser levada a efeito sem a necessária participação do Estado, pois nem a Associação, nem a população dispõem de poder financeiro para a custear na sua totalidade.

Ora, para a construção de um Quartel inteiramente novo, essa comparticipação só seria conseguida daqui a largos anos, pois muitas outras Associações há, mais bem carecidas que a nossa. No entanto, para uma ampliação das instalações conseguir-se-ia comparticipação de imediato. Assim, entre um Quartel inteiramente novo, que seria o ideal, mas a longo prazo, e a ampliação e remodelação do existente, a curto prazo, não hesitou a Direcção, tanto mais que havia extrema urgência no acondicionamento conveniente do material existente e, contactada a proprietária da casa anexa, se prontificou, como «Boa Fanguetra», a ceder a sua casa, em boas condições de preço e de pagamento.

5 — Coagida, assim, a optar pelo «bom» em detrimento do «ótimo» e pela força das circunstâncias expostas, não mais foi a Direcção desta Benemérita Associação tida ou havida na elaboração do projecto, apenas dele tomando conhecimento, depois de executado e aprovado pela Comissão de Coordenação da Região Norte, pelo Serviço Nacional de Bombeiros e pela Câmara Municipal de Esposende, não tendo sido aceites algumas alterações propostas —, uma delas, precisamente, o recuo da esquina, referida por V. Ex.^a, porque isso obrigaria a diminuição das medidas do salão polivamente, já, excepcionalmente, aprovado com menos um metro à largura que a medida regulamentar.

Estas foram as razões que obrigaram a aceitar a construção do Quartel onde está a ser construído, esperando-se que, de uma vez por todas, se ponham de lado as especulações malévolas, sem dúvida, que se vêm tecendo, pois foi a primeira e será a última posição tomada por esta Direcção.

A terminar, elucida-se que todo este processo vem a ser tratado deste os mandatos anteriores da Câmara municipal e da Junta de Freguesia.

Crentes de que V. Ex.^a não deixará de atender ao pedido formulado, com a maior consideração e estima, subscrevemo-nos, com os melhores cumprimentos.

Pel'A DIRECÇÃO
O PRESIDENTE

José Artur Saraiva Marinbo

★

A Direcção da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão aproveitou uma notícia dada pelo «O Novo Fanguero» para mandar o seu recado não só ao nosso jornal como a todos quantos têm ousado criticar a configuração e a localização do novo quartel. Esse recado surge eivado duma certa «irritância» (composto de irritabilidade e de jactância) e até de truculência como que a dizer: «Não nos chateiem!... Deixem-nos trabalhar!... (onde é que já ouvimos isto?...)

Antes de mais há aqui um ponto que é fundamental relevar. É o direito à diferença. Com efeito, tanto os óvulos da mulher como os gâmetas masculinos contêm já em si os genes que são os fundamentos da individualização, quer dizer, contêm em si uma predisposição para que o indivíduo seja assim ou assado. É, digamos, o factor hereditário. A acrescentar à hereditariedade temos que salientar ainda o ambiente de família, a escola, a saúde que se tem ou não tem, o tipo de alimentação, as leituras que se fa-

zem, a influência dos amigos, as tais companhias (dize-me com quem andas...), a religião que se pratica, pois todos constituem factores de individualização e são por isso determinantes (uns mais do que outros) na maneira de ser de cada um. A personalidade vai-se assim constituindo ao longo dos tempos e é natural e lógico que as pessoas se tornem diferentes. Ao emitir juízos de valor, ao dar opinião sobre isto ou aquilo, as pessoas agem em função da sua personalidade onde confluem a idiosincrasia, a cultura e a sensibilidade. Vai daí sermos diferentes a pensar e a agir. Vai daí sermos diferentes a analisar qualquer coisa que pode ser por exemplo, um quartel dos bombeiros. Já diz o povo na sua infinita sabedoria: cada cabeça, cada sentença.

★

Pode perguntar-se: haverá o direito de apreciar, criticar e emitir opiniões? Ele, esse tal direito, é quase um dever, pois faz parte da condição humana. Aquele que faz algo, que escreve versos ou prosa, que pinta, que constrói, que discursa, que se veste, que se pentela tem o direito à apreciação alheia. Vamos dizer que quase que exige essa apreciação. Ouve-se dizer muitas vezes: não teve uma palavrinha para dizer se estava bem ou mal. É isso. É o tal direito à apreciação mas que se quer... Itsongeira, favorável, positiva, pois, se não, será «má fé». Não é verdade, Ex.ma Direcção dos Bombeiros?

★

Mas, e só agora é que demos por ela, o desgosto revelado por nós perante aquela esquina, além de ser reparo para tantas pessoas que conosco têm conversado, foi também motivo de desgosto para a própria Direcção dos Bombeiros. Ela mesmo confessa isso na carta que nos escreve. Ora reparem: «não tendo sido aceites algumas alterações propostas — uma delas, precisamente o recuo da esquina referido por V. Ex.^a...»

★

Afinal tínhamos razão no reparo feito pois é a própria Direcção dos bombeiros Voluntários quem nos vem dizer que em tempos já tinha formulado uma pretensão de igual teor...

MEUS VERSOS

Os meus versos são ais do coração,
São suspiros da alma apaixonada,
Farinha com que faço aquele pão
Que alimenta esta fome abençoada.

São notas musicais duma canção
Entoadada feliz desde a alvorada,
São pétalas da rosa perfumada,
Que alegra toda a minha solidão.

São fecundas sementes do meu ser,
Em jardins espalhadas ao de leve,
Ou voando ligeiras pela esfera...

Por isso toda a gente que me ler,
Há-de notar que a minha vida teve,
Luz e sombras, Inverno e Primavera.

DINIS DE VILARELHO

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

MANUEL PINHEIRO BORDA

«Só agora reparamos, ao reler o que acima fica dito, que omitimos sem querer, o nome de Manuel Pinheiro Borda, pois foi quem do Rio de Janeiro enviou solicitamente o donativo de quinhentos escudos como cota de inscrição de sócio da Caixa Escolar da sua terra.

Manuel Pinheiro Borda, não obstante ocupar no comércio carioca uma situação de privilégio conquistado aos 33 anos, que lhe absorve o tempo todo, não se esquece um momento do seu querido torrão trazendo o seu nome ligado a diferentes melhoramentos de carácter beneficente e de utilidade pública, financiando por sua parte com uma modéstia e uma isenção que contrasta bem com a importância dum as conbecidas nulidades que, sem o menor pejo, se julgam donos de tudo isto e de mais alguma coisa, e só conseguem atrair sobre si a antipatia e o aborrecimento de gente consciente da terra para quem o patrono é ainda o S. Paio de Fão.

No peito do excelso fangueiro e a par da venera de associado do coração de Jesus, assentará à maravilha a medalha de sócio da Caixa Escolar do seu lembrado cantinho».

Estas palavras, referentes ao nosso conterrâneo, fazem parte da correspondência de Fão para o jornal «O Esposendense de 4 de Maio de 1929 e dizem respeito ao contributo de quinhentos mil reis que foi a quantia com que Pinheiro Borda, então sediado no Brasil, respondeu ao apelo da professora D. Maria Vieira para que se formasse na nossa terra a Caixa Escolar que tinha por objectivo ajudar os estudantes pobres. Nesse mesmo ano já foram distribuídos com os fundos da citada Caixa, possivelmente os juros, 32 fatos a crianças pobres.

Com o auxílio do mesmo jornal podemos apresentar até uma relação de todos os fundadores daquela meritória instituição e a jóia com que entraram para sócios: Francisco Campos Morais (500\$00), Emília Ferreira Campos Morais (500\$00), Alice Ferreira de Campos Morais (500\$00), Adelaide Ferreira Campos Morais (500\$00), Manuel Pinheiro Borda (500\$00), Augusto Teixeira (500\$00), José Pinheiro Borda (200\$00), Joaquim Pinto de Campos (100\$00), António Mendes de Morais (100\$00), Cândido Morais Gonçalves (100\$00), Ismênia Morais (58\$00), António Joaquim Nunes (50\$00), José Domingos Morais (50\$00), Manuel G. Morais (50\$00), Alfredo Veiga da Silva (40\$00), António Pires Carneiro (40\$00), Ismênia Teixeira Morais (38\$00), José Maria Teixeira Vilas Boas (38\$00), Avelino Pires Carneiro (30\$00), Mário Pires Carneiro (30\$00), dr. José Andrade Novais, António Gomes da Silva, Idalina Cardoso Penetra, Ana Araújo Costa, Maria do Patrocínio Ramos, Maria Joaquina da Costa Vieira, Palmira Maria da Costa Vieira Ferreira, Zulmira Pinheiro Borda, P.e Manuel de Carvalho Alaio (todos com 20\$00), Ernestino Morais Sacramento (13\$50), P.e António Alves Nogueira (13\$00), P.e Job Teixeira (13\$00), Eulália Gonçalves Sacramento (12\$00), José Francisco Fonte (11\$00), P.e Avelino Pinheiro Borda, João Dias dos Santos Borda, Etelvina Barros Lima de Barros, dr. João de Barros, D. Maria Pinheiro Magalhães, D. Lara Cardoso Lopes (todos com 10\$00), António Domingues Mariz, Maria Monteiro,

José Portela, José Alves da Quinta, António Dias dos Santos Borda, José Linhares, Maria Morais Morais Gonçalves, José Gomes Trindade, Belmira Martins Dias, Rosalina Martins Dias, Maria Gonçalves Morim, José Martins Mano, Amália Mendes (todos com cinco escudos), António Carvalho Almeida Gomes e Álvaro de Campos Saraiva (ambos com 2\$50).



A costela bairsta e benemérita de Manuel Pinheiro Borda já se tinha evidenciado pelo menos em 1925 quando deflagrou um grande incêndio na antiga rua Conde Castro, hoje Prof. Pio Rodrigues. Diz-nos Carlos Mariz a propósito: «Em 1925, no dia seguinte ao grande incêndio que destruiu o edifício onde o senhor Américo Fernandes Pereira possuía um estabelecimento comercial (mais tarde deu a Pensão Cávado) reuniram-se, em amável conversa, num dos salões do Club Fãozense, entre outros os senhores: António Mendes Freitas de Morais, Jaime Lopes Pereira, Joaquim Pinto de Campos e Manuel Pinheiro Borda.

Trocaram impressões sobre o incêndio de véspera e alguém disse: «Se tivéssemos uma corporação de Bombeiros em Fão, talvez o sinistro não tivesse atingido tão grandes proporções. Surgiu de imediato a ideia de se criar uma corporação de Bombeiros. Todos acharam maravilhosa a sugestão. Era no entanto indispensável a colaboração do Pároco da terra. Alguns dos presentes não tinham boas relações com o mesmo, visto terem bostilizado e tentado impedir a sua vinda para Fão. Prontamente Manuel Pinheiro Borda se prontificou a servir de intermediário. E assim procedeu. E de tal modo se incumbiu da diligência que mais tarde o bom Prior Nogueira recebeu o grupo de braços aberto e acolheu com muita alegria a bela ideia. Formou-se logo uma Comissão anga-

riadora de fundos. Dela não fazia parte o senhor Pinheiro Borda porque em breve partiu para o Brasil onde, junto da colónia fangueira, conseguiu juntar a linda soma de 23.452\$58 escudos, com o qual compraram todo o material indispensável. Em 27 de Dezembro de 1925, numa Assembleia Geral reunida na sala de sessões do Club Fãozense, o povo de Fão elegia os futuros corpos gerentes dos Bombeiros e aprovava os seus estatutos. Em 26 de Setembro de 1926 era solenemente inaugurada a corporação dos Bombeiros».

Manuel Pinheiro Borda, como se pode deduzir de leitura anterior, seguiu profissionalmente a carreira dos seus conterrâneos. Cedo embarcou para o Brasil e aí se estabeleceu. Com efeito o Esposendense de 9 de Setembro, através do correspondente de Fão, diz textualmente: «Parte no próximo dia 10 para o Rio de Janeiro, onde vai dedicar-se à vida comercial, o sr. Manuel Pinheiro Borda, filho primogénito d sr. João P. dos Santos Borda». Como nasceu em 1894 conclui-se que partiu para terras de Santa Cruz com 15 anos.

Durante bastante tempo fez largas estadas na pátria irmã que intermediava com algumas vindas à terra natal. Segundo o depoimento de Carlos Mariz, acima transcrito, verificámos que em 1925 se encontrava entre nós.

O Cávado de 14 de Agosto de 1947 noticia também: *Encontram-se em Fão, vindos do Rio de Janeiro: Manuel Pinheiro Borda, benemérito, Artur Sobral, António Lopes e seu irmão Alfredo, Manuel Ferreira, Cândido Teixeira, Artur Gonçalves Calafate, Manuel de Oliveira e Artur Saraiva*. Sintomático que entre tantos qualificados fangueiros só o nome de Pinheiro Borda é distinguido com a designação de «benemérito».

Ainda o Cávado de 27 de Janeiro de 1952 diz que Manuel Pinheiro Borda, «após uma longa estadia em Fão, regressou ao Brasil onde é comerciante». O mesmo jornal em 13 de Maio do mesmo ano noticia que este conterrâneo regressou do Brasil «onde esteve a tratar de assuntos comerciais».

Parece-nos que a partir desta data não mais regressou ao Brasil e assim integrou-se com maior profundidade nos assuntos da comunidade local. O Cávado de 28 de Novembro de 1954 diz que se celebrou um jantar em Fão de homenagem a Artur Sobral e que um dos oradores foi precisamente Manuel Pinheiro Borda. Em Dezembro deste mesmo ano decorre a campanha de cimento para o cemitério e Manuel Borda oferece dois sacos. Em 1955 é eleito Presidente do Conselho Fiscal do Club Fãozense e neste mesmo ano toma de novo parte em outro jantar a Artur Sobral. No ano de 1956 é um dos três Maneis a gerir a Irmandade do Bom Jesus: Manuel Pinheiro Borda - Juiz, Manuel Pires do Monte - secretário e Manuel Alves dos Reis - tesoureiro. A Irmandade em 1958 entra em crise (não nos debruçamos sobre ela) e pede a demissão. O arcebispo de Braga nomeia de seguida uma Comissão administrativa presidida por este conterrâneo que nas eleições seguintes, ainda em 1958, é de novo escolhido para juiz, tendo como assessores o dr. Albino Campos e António Domingues da Venda. Ocupou este cargo até à sua morte. Do seu mandato, à frente do Bom Jesus, há que referir, entre outras iniciativas, a remodelação da instalação eléctrica no mosteiro do Bom Jesus, o revestimento do piso e a construção dos bancos de madeira.

(Continua)

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Então como vão essas férias? Oxalá que ótimas, para que sejam um retemperar de forças. Como devem ter reparado, as «Gralhas» tipográficas, caíram na «Página Jovem» do mês passado sem dó nem piedade! Por exemplo: na primeira anedota, onde se lê: «o outro *espantalho*» deveria estar: «o outro, *espantado*». No conto da Helena Camate, as «gralhas» chegam a alterar o sentido do que foi escrito, pelo que se publica novamente esse conto, na esperança de que, desta vez, saia direitinho. As nossas desculpas, embora não nos caiba a responsabilidade dos erros, e continuação de boas férias!

ENTRE O SONHO E A REALIDADE

Por MARIA HELENA CAMATE

Lembro-me como se fosse hoje do meu primeiro dia de escola. Invadia-me uma sensação de angústia e estranheza. Por que razão tinha de abandonar a minha casa e passar horas a fio, num ambiente desconhecido e hostil?

«Tens de aprender os números e as letras», diziam-me. «Tens de aprender a ler e a contar». Mas eu, teimosamente insistia em ignorar a necessidade de tudo aquilo.

Nesse dia já longínquo, fazia um calor insuportável, aliás nada estranho para um país tropical. Os meninos transpiravam nas suas batas apertadas, pouco habituados à farda e acostumados a corridas ao ar livre, no jardim ou na praia, vestindo roupa leve (quando havia roupa!) e esvoaçando ao vento.


Vem esta lembrança a propósito de um sonho que tive há dias. Se este recuar no tempo me levou ao início do meu percurso escolar, o tal sonho transportou-me a um futuro próximo: Estou um pouco mais velha (é assim que me vejo no sonho), de novo em Angola, na mesma escola onde um dia eu senti medo ao olhar para o enorme *quadro negro* ou para uma espessa régua de madeira pousada na secretária da professora e cujo uso eu adivinhava com receio. Simplesmente encontro-me *do lado de lá* do estrado, ensinando uma multidão de crianças a ler e a contar.

Desta vez com a diferença de o ambiente ser de alegria e de descontração. Entre a brincadeira das ruas e a brincadeira de aprender não há qualquer diferença. De mim para eles e deles para mim, o mesmo sorriso aberto.

A lembrança e o sonho cruzam-se, assim, na imaginação, redimindo as más recordações e anunciando dias melhores.

Extraordinário, esta nossa capacidade de recuar e avançar no tempo, refazendo o Passado e construindo o futuro.

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus 

PAUSA PARA SORRIR

Um agente da autoridade entre num local público onde era proibido jogar as cartas a dinheiro e surpreende, numa mesa, quatro indivíduos a jogar.

Três deles, vêm entrar o agente e rapidamente escondem as cartas. O outro, que estava de costas, não viu e manteve as cartas e dinheiro sobre a mesa.

O agente aproxima-se e pede-lhes a identificação, para os multar. Dois deles, negam que estivessem a jogar, e afirmam a pés juntos que só estavam a conversar. O terceiro diz que nem conhece os outros e está ali apenas à espera de um amigo.

Então o agente volta-se para o quarto indivíduo e diz-lhe:

— Ao menos o senhor, com as cartas e dinheiro aí à sua frente, não pode negar que estava a jogar!

— Essa agora! — indigna-se o homem. — Se dois destes senhores estão a conversar um com o outro; se o outro está atento à chegada do amigo, com quem é que o senhor agente queria que estivesse a jogar?...

★

Uma senhora entra na sala subitamente e vê a empregada sentada no sofá, a tomar um uísque.

— Francamente, Maria, não contava com isto da sua parte! — exclama a patroa. — Estou muito admirada!

Responde a empregada, sem se desconsertar:

— Mais admirada estou eu! Julguei que a senhora tinha saído!...

«AMIZADE — QUANDO?»

Quando?

Talvez um dia...

Será no fim do mundo

No abismo, no fogo

Ou aqui, já na primavera

que desde ontem à espera

De quem não chega, não vem

P'ra quê? Não sei

Esquecer, tudo bem

Já sofri, já morri p'ra ti

És amigo, já não corro perigo

De me perder por amor

Já não te guardo rancor

És meu amigo

P'ra sempre até ao fim

O mundo não acaba assim

Porque a amizade

É a felicidade

Felicidade que não tem fim.



DESENHO DE MARÍLIA

OCEANO

**Por mais força que tenha,
Mais coragem ou valentia,
Serei sempre fraco,
Pois apesar de estarmos
Tão perto,
Nunca terei forças
Para te trazer
Até mim.
Fraquejarei
Sempre no último momento.**

**As minhas mágoas,
repisadas e revividas,
E sempre as mesmas,
Nunca colherão
O vento
Para me libertar
Deste abismo
Fundo e solitário
No qual estou preso
Há tanto tempo!**

**As ondas do meu mar
Nunca abraçarão
As areias douradas
Da tua praia,
Onde,
Em todos os segundos
Ancora e parte
A frota a minha dor,
Sempre a mesma,
Mas cada vez mais carregada.**

**E estes olhos
Inundados de lágrimas
E a ferver
Com a fúria da paixão
Nunca serão
capazes de te olhar,
O sol
Nunca mais
baterá sobre
O meu coração.**

**E as últimas plantas
Que nele
Viviam
Vão sucumbir,
Vão morrer,
Lentamente, com sofrimento,
Tal como eu morri
Ao ver-me só no
Horizonte do teu areal,
E não contigo.**

**E por tudo isso
Manchei as minhas águas
de branco, porque
Onde eu chego, desapareces,
Deixas de ser tu,
Tudo por não compreender
Que nunca poderei
Trazer-te para dentro de mim,
Porque tu és a Terra,
E eu sou apenas o Oceano.**

ANA MARIA BARROS

MARTA MARIZ MENDES (17 anos)



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que a Assembleia Municipal de Espoende, em sua Sessão Ordinária, realizada em 30 de Junho do corrente ano e por proposta do Executivo Municipal de 17 do mesmo mês, deliberou aprovar a seguinte alteração à Postura sobre Higiene e Limpeza de Lugares Públicos e Confiantes:

ALTERAÇÃO DA POSTURA DE HIGIENE E LIMPEZA DE LUGARES PÚBLICOS E CONFIANTES

Considerando que a Câmara municipal adquiriu recentemente contentores para a remoção de resíduos sólidos industriais;

Considerando que esta classificação já se encontrava prevista da Postura de Higiene e Limpeza de Lugares Públicos e Confiantes, apesar de definida de uma forma genérica, que importa, a partir deste momento, clarificar;

Considerando, igualmente, que importa regulamentar convenientemente a remoção e deposição dos resíduos sólidos nos referidos contentores, por forma a permitir a sua utilização por parte dos eventuais interessados;

Assim entende-se, por conveniente, proceder à alteração dos artigos 2.º, 3.º, 5.º, 10.º, 13.º e números 1, 10 e 11 do Anexo I da mesma Postura, que passam a ter a seguinte redacção:

ARTIGO 2.º

- a) ...
b) ...
c) ...

d) RESÍDUOS SÓLIDOS INDUSTRIAIS — os provenientes de actividade industrial e construção civil, proveniente tanto de demolições como de desperdícios de obras, excluindo madeiras. Poder-se-á, ainda, considerar nesta classificação, terras de escavação ou de inertes provenientes de limpeza de jardins, com excepção de material vegetal ou plástico.

- e) ...

§ ÚNICO — Em casos particulares e devidamente autorizados pela Câmara Municipal, sob proposta dos serviços de limpeza, poderão ser recolhidos, sob a mesma categoria, outros tipos de detritos.

ARTIGO 3.º

...

§ ÚNICO — É proibido o depósito de detritos combustíveis, em contentores para lixo sólidos industriais, ou que possam exalar maus cheiros.

ARTIGO 5.º

- a) ...
b) ...

c) Contentores normalizados, de modelo aprovado pela Câmara Municipal, adquiridos pela entidade produtora ou alugados pela Câmara Municipal.

1. As entidades singulares e colectivas produtoras de lixo e resíduos referidos nas alíneas c) e e), do art.º 2.º deverão munir-se a expensas próprias dos recipientes referidos no corpo deste artigo, até sessenta dias após a data da presente postura, após o que se sujeitarão às coimas nele previstas.

2. ...

3. ...

4. Os contentores referidos na alínea d) serão colocados em locais públicos, escolhidos pelos serviços de limpeza e devidamente publicitados, servindo apenas para a reposição de pequenos volumes de resíduos.

5. Os mesmos contentores poderão ser cedidos, em regime de aluguer, a entidades privadas ou públicas, que requeiram a sua utilização, para os efeitos previstos no art.º 2.º

ARTIGO 10.º

As tarifas a cobrar aos produtores de resíduos, para efeitos da respectiva remoção, bem como pelo aluguer de contentores para lixo industriais, são as constantes da tabela integrante do anexo I e serão cobradas nos termos referidos no mesmo anexo.

ARTIGO 13.º

- a) Dos artigos 3.º, parág. único: 5.000\$00 a 20.000\$00;
b) Dos artigos 5.º e 6.º 1.000\$00 a 10.000\$00;
c) Dos artigos 7.º e 8.º 1.000\$00 a 10.000\$00;
d) Do artigo 9.º e seus parágrafos 500\$00 a 5.000\$00;
e) Do artigo 11.º — parágrafos primeiro, segundo e quarto, de 500\$00 a 5.000\$00;

ANEXO 1

1. A cobrança das tarifas de recolha de lixo, a cobrar mensalmente, recaem sobre os beneficiários efectivos ou potenciais dos serviços prestados e destina-se a minimizar os custos de exploração do serviço.

...

10. A utilização de contentores para fins industriais, referidos na alínea d) do art.º 2.º, está sujeita às seguintes tarifas:

- a) Pelo período de uma semana 2.500\$00
b) Pelo período de um mês 7.500\$00

10.1. Acresce às taxas referidas no número anterior, pela recolha e transporte dos contentores — por cada remoção 2.500\$00

11. As tarifas serão anualmente actualizadas com o coeficiente de aumento do índice 100 da escala indiciária para a carreira geral da função pública e vigorará a partir do primeiro dia do mês imediato à sua publicação no Diário da República.

A presente alteração entra em vigor decorridos quinze dias após a publicação do presente edital, nos termos do n.º 3 do art.º 21.º da lei 1/87, de 6 de Janeiro.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu, Manuel Maria M. Silva Costa, Licenciado e Chefe da Divisão administrativa e Financeira, redigi e subscrevi o presente edital.

Paços do Município, 14 de Julho de 1993.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que a Assembleia Municipal de Esposende em sua Sessão Ordinária, realizada no passado dia 30 de Junho do corrente ano, por proposta do Executivo Municipal de 17 do mesmo mês, deliberou aprovar a seguinte alteração ao Regulamento e Tabela de Taxas e Licenças Municipais:

TABELA DE TAXAS E LICENÇAS MUNICIPAIS

Com a entrada em vigor do Código do Procedimento Administrativo (Decreto-Lei n.º 442/91, de 15 de Novembro), era legalmente exigível proceder à alteração de algumas normas regulamentares da Tabela de Taxas, bem como à previsão de taxas que através da prática administrativa e da exigência do cumprimento da lei, se verificam necessárias.

Além disso, quer o DL 445/91 (Regime de licenciamento de obras particulares) quer o DL 448/91 (Regime de licenciamento municipal de loteamentos urbanos), ambos de 20 de Novembro, prevêm a fixação de taxas não existentes na tabela de taxas, que importa prever com vista à sua futura cobrança, bem como a regulamentação das cedências ao município pela não realização de infraestruturas, no que respeita ao licenciamento de operações de licenciamento.

A presente alteração contempla, assim, algumas taxas não previstas e consideradas essenciais à actividade administrativa municipal, dentro dos parâmetros fixados por lei, bem como o valor compensatório pela existência de infraestruturas, nas operações de loteamento, que se apresentam para aprovação.

REGULAMENTO

ARTIGO 1.º — ...

ARTIGO 2.º — ...

ARTIGO 3.º — ...

ARTIGO 4.º — 1. A Câmara Municipal poderá isentar do pagamento de taxas, as licenças para obras promovidas por pessoas colectivas de direito público ou de utilidade pública administrativa, por associações, culturais, desportivas e recreativas e instituições particulares de solidariedade social, quando se destinem à realização dos correspondentes fins estatutários.

2. Em caso de comprovada insuficiência económica, a atestar pela Junta de Freguesia respectiva, e comprovada pelos serviços municipais competentes, a Câmara Municipal pode dispensar o pagamento de taxas previstas na respectiva tabela.

ARTIGO 5.º — 1. Sempre que o pedido de renovação de licença, registo ou de actos, se efectuem para além dos prazos legais e regulamentares, será a taxa acrescida de 30%, não havendo lugar ao pagamento de coima, salvo se, entretanto, a contra-ordenação tiver sido atuada ou existir disposição em contrário na respectiva tabela.

2. A falta de pagamento de taxas e licenças, no prazo devido, e do qual a lei faça depender a realização processual, salvo nos casos previstos no artigo anterior, determina a extinção do procedimento e respectivo arquivamento do processo.

3. Os interessados poderão, entretanto, obstar àquela extinção se realizarem o pagamento em dobro da importância em falta, nos dez dias seguintes ao termo do prazo fixado.

ARTIGO 6.º — ...

ARTIGO 7.º — Em todas as cobranças previstas na tabela anexa a este regulamento, proceder-se-á, no total, ao arredondamento, por excesso, para a dezena de escudos.

ARTIGO 8.º — ...

TABELA DE TAXAS

CAPÍTULO I

SERVIÇOS DIVERSOS

ARTIGO 1.º — ...

(Mantêm-se em vigor as taxas respeitantes a este capítulo previstas na Tabela de Taxas e Licenças, com excepção do n.º 19, cuja taxa pela apresentação de requerimentos é eliminada e correspondente observação, passando aquele a ter a seguinte redacção, bem como alterações dos números 21 e o aumento do número 22);

...

19. Fotocópias não autenticadas de documentos ou livros:

a) Não excedendo uma lauda ou face (formato A4), mais IVA 6\$00

b) por cada lauda ou face além da primeira, mais IVA 7\$50

c) não excedendo uma lauda ou face (formato A3 e B4), mais IVA 10\$00

d) por cada lauda ou face além da primeira, mais IVA 12\$50

20. ...

21. Outros serviços:

a) Serviços ou actos de natureza burocrática, incluindo pareceres, não especialmente previstos nesta tabela ou em legislação especial 5.000\$00

b) Pareceres e licenciamento de acções de revestimento vegetal, que não tenham fins agrícolas e acções de aterro e escavações que conduzam à alteração do relevo natural e das camadas de solo arável (D.L. 139/89) — por metro cúbico e de harmonia com lavra a apresentar 20\$00

22. Averbamentos não especificados nesta tabela 300\$00

CAPÍTULO IV

URBANIZAÇÕES, LOTEAMENTOS E OBRAS PARTICULARES

SECÇÃO I

LICENÇAS

SUB-SECÇÃO III

EXECUÇÃO DE OBRAS

ARTIGO 9.º

(Mantêm-se em vigor as taxas respeitantes a esta sub-secção, prevista na Tabela de Taxas, com excepção do art.º 4.º da obs. 4.ª do art.º 5.º, que passam a ter a seguinte redacção bem como o aumento do número 10 do art.º 3.º).

ARTIGO 3.º

10. Prorrogação de prazo para conclusão das obras nos termos do n.º 7 do art.º 19 do DL 445/91, ... 30% da licença inicial.

ARTIGO 4.º — Corpos salientes de construções nas paredes, projectadas sobre vias públicas, logradouros ou outros lugares públicos, sob administração municipal — taxas a acumular com as dos art.ºs 12 e 13 (por piso e por m2 ou fracção):

1. Varandas, alpendres, integrados na construção, janelas de sacada e semelhantes:

a) Zona 1 5.000\$00

b) Zona 2 2.500\$00

2. Outros corpos salientes destinados a aumentar a superfície útil da edificação:

a) Zona 1 20.000\$00

b) Zona 2 8.000\$00

ARTIGO 5.º

1. ...

(Continuado da pág. 7)

2. ...

3. ...

4. Quando a obra tenha sido ou esteja sendo executada sem licença, as taxas a aplicar as licenças a conceder serão acrescidas de uma sobretaxa correspondente ao quintuplo da taxa progressiva a aplicar, nos termos do art.º 3.º, independentemente da coima a que haja lugar.

SECÇÃO II

TAXAS

SUB-SECÇÃO I

REALIZAÇÃO DE INFRAESTRUTURAS URBANÍSTICAS

ARTIGO 12.º — 1. Concessão de alvará:

a) Zona 1	100.000\$00
b) Zona 2	60.000\$00
c) Indústria	150.000\$00

Obs. 1. — A prorrogação de prazo para conclusão de obras de urbanização aplica-se 30% do alvará inicial;

Obs. 2. — Quando o loteamento exige obras de urbanização, o loteamento é titulado por um único alvará;

Obs. 3. — A alteração do alvará inicial, nos termos dos n.ºs 4 e 5 do art. 36.º do DL 448/91, de 20 de Novembro, fica sujeita ao pagamento de um adicional de 30% das taxas iniciais.

SUB-SECÇÃO V

UTILIZAÇÃO DE EDIFICAÇÕES

CAPÍTULO V

HIGIENE E SALUBRIDADE

— ...

SECÇÃO II

ARTIGO 17.º — ...

1. ...

2. Utilização de sanitários públicos 20\$00

CAPÍTULO X

MERCADOS E FEIRAS

SECÇÃO II

OUTRAS TAXAS

Mantêm-se em vigor as Taxas respeitantes a esta sub-secção, com excepção do art.º 32.º e do art.º 33.º que passam a ter a seguinte redacção:

ARTIGO 32.º — Cartão de feirante (incluindo custo do cartão):

a) Concessão	3.700\$00
b) Renovação	500\$00

ART.º 33.º — Emissão de Cartão de Vendedor Ambulante 1.600\$00

CAPÍTULO XII

DIVERSOS

SECÇÃO III

VENDAS DE BENS

ARTIGO 37.º — Publicações — dado que neste capítulo se estipulam os valores de outras receitas municipais, produto da venda directa de bens próprios ou adquiridos, julga-se desnecessária a sua referência expressa e individualizada, porque sujeitos ou não a sua existência constnte. A fixação destes va-

lores será determinada por deliberação do executivo Municipal, caso a caso e não estarão sujeitos à actualização prevista no art.º 8.º do Regulamento.

1. Monografias — incluem-se aqui todos os trabalhos publicados directamente pela Câmara Municipal, de carácter cultural e de investigação ou adquiridos com aquelas características.

2. Outros — tratam-se de publicações adquiridas pela Câmara Municipal de índole genérico, mas de características culturais.

Obs. 1. — Os portadores do cartão Jovem têm direito a desconto de 30% na aquisição de publicações.

Obs. 2. — As livrarias que desejem obter obras editadas pela Câmara Municipal tem direito a desconto de 25%.

ARTIGO 38.º — Livros e impressos:

a) Livro de Obras (IVA incluído)	500\$00
b) Aviso de alvará de licença (IVA incluído)	220\$00

ARTIGO 39.º — Material honorífico:

Medalhas (mais IVA)	600\$00
---------------------	---------

SECÇÃO IV

VALOR COMPENSATÓRIO PELA NÃO REALIZAÇÃO DE INFRAESTRUTURAS

ARTIGO 40.º — 1. O valor compensatório a pagar pela operação de loteamento, nos termos do n.º 5 do art.º 16 do DL 448/91, não poderá exceder o que resultar da aplicação da seguinte fórmula:

$$Q (\$) = K \times A (m2) \times C (\$/m2)$$

em que A (m2) é a superfície total de pavimentos prevista na operação de loteamento, destinados ou não a habitação, C (\$/m2) e o custo, correspondente a área bruta de 100 m2, do metro quadrado de construção fixado pela Portaria aplicável aos contratos de desenvolvimento para habitação e K é um coeficiente ao qual deve atribuir-se um dos seguintes valores:

a) K = 0,030 quando se trate de loteamento localizado na Zona Urbana de Esposende;

b) K = 0,020 quando se trate de loteamento localizado nas zonas urbanas de Fão, Marinhas e Apúlia;

c) K = 0,010 quando se trate de loteamentos localizados nas restantes localidades.

2. Os valores resultantes da aplicação do número anterior serão reduzidos a metade no caso de construção de moradias unifamiliares.

3. A Câmara Municipal poderá acordar com o interessado a substituição da totalidade ou parte do quantitativo referido no número anterior por lotes de construção.

4. No caso do quantitativo referido no n.º 1 ser totalmente substituído por lotes de construção, deverão estes permitir, de acordo com a operação de loteamento, a seguinte superfície a (m2) de pavimentos destinados ou não a habitação:

$$a (m2) = 0,030 \times A(m2)$$

em que A(m2) tem o significado que lhe é atribuído no n.º 1.

5. No caso de apenas parte do quantitativo referido no n.º 1 ser substituído por lotes de construção, a compensação complementar será determinada pelo seguinte modo:

$$q (\$) = m \times (0,030 A-a') \times C (\$/m2)$$

em que A (m2) e C (\$/m2) tem o significado que lhes foi atribuído no n.º 1, a' (m2) é a superfície de pavimentos, destinados ou não a habitação, prevista na operação de loteamento para os lotes a ceder e m é um coeficiente ao qual deve atribuir-se um dos seguintes valores:

a) m = 0,15 quando se trate de loteamento na Zona Urbana de Esposende;

b) m = 0,10 quando se trate de loteamento na Zona urbana de Fão, Marinhas e Apúlia;

c) m = 0,05 quando se trate de loteamento localizado nas restantes localidades.

(Continua na pág. 9)

6. A Câmara Municipal poderá ainda acordar a substituição da totalidade ou de parte do quantitativo em numerário referido no n.º 1 por prédios rústicos ou urbanos situados fora do loteamento, em condições que deverão constar do contrato de urbanização.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu Manuel Maria M. Silva Costa, Licenciado e Chefe da Divisão administrativa e Financeira redigi e subscrevi.

Paços do Município, 14 de Julho de 1993.

O Presidente da Câmara,

Alberto Queiroga Figueiredo

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que, de harmonia com a deliberação da Câmara Municipal, de 21/07/93, e para os efeitos previstos no artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 69/90, de 2 de Março, o prazo de inquérito público do Plano Director Municipal, iniciado em 14 de Abril do corrente ano, termina no próximo dia 20 de Agosto, inclusivé.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Município, 27 de Julho de 1993.

O Presidente da Câmara,

Alberto Queiroga Figueiredo

DE APÚLIA

FALECIMENTOS — Em 26 de Junho último faleceu no lugar da Areia, o Senhor Manuel Fernandes Areias, viúvo de Emília da Costa Refuge.

Era filho de Carlos Fernandes Eiras e de Aurora Pires dos Santos, e natural de Apúlia, onde nascera em 11 de Fevereiro de 1912.

— Também no lugar da Areia e vítima de doença súbita, faleceu no dia 10 de Julho o nosso conterrâneo Adriano Almeida do Vale, nascido em 24 de Março de 1935.

Era filho de Manuel de Jesus do Vale e de Maria Gomes de Almeida. Deixa viúva a senhora D. Alzira Fradique Gonçalves Souto.

Aos familiares destes apulienses, apresentamos os mais sentidos pêsames.

CASAMENTO — Na Igreja Matriz de Aver-o-Mar, concelho da Póvoa de Varzim, de onde o nubente é natural, consorciaram-se no dia 10 do mês de Julho, os jovens Carminda Amélia do Paço Ribeiro Casais, de 25 anos de idade, e Acácio José da Silva Santos, de 20 anos, filho de Joaquim de Sousa Gonçalves e de D. Maria Natália Gomes Ribeiro.

A noiva é filha dos apulienses amigos, Franquelim Ribeiro Casais e de sua esposa D. Maria Celestina agra do Paço.

Com os agradecimentos pelo convite recebido, vão os nossos desejos de um porvir repleto de felicidades.

O GUARDA CARAMALHO — O senhor José Viana Caramalho, guarda-fiscal reformado, morreu no dia 15 do passado mês de Junho, na sua terra, S. Paio de Antas. Com a simplicidade dos homens simples, prestou serviço no Posto de Apúlia, durante duas décadas. Por cá lhe nasceram os filhos, e por cá criou e cimentou amizades. Bairrista e defensor acérrimo das coisas de Apúlia, era por todos querido e estimado, sendo a sua morte muito sentida.

Apenas com 60 anos, morreu novo, de doença que nunca perdoa. Não chegou a usufruir por muito tempo do remanso da reforma, ele, que fora um trabalhador incansável.

Era casado com a Senhora D. Adelaide Pires Lapeiro, a quem apresentamos os nossos sentidos pêsames, extensivos aos seus dois filhos.

ADÃO VIEIRA — Vítima de acidente ocorrido em 23 de Julho, na freguesia de Barcelinhos, faleceu o sr. Adão da Silva Dias Pimenta (Vieira), que como treinador de futebol orientou por mais do que uma vez o nosso Clube Desportivo.

Por infeliz coincidência, o Adão Vieira estava a passar férias com a família na nossa praia.

Aos seus familiares, principalmente para seu irmão João Vieira, apresentamos sentidas condolências.

AS FESTAS DE APÚLIA — Todos os anos, no mês de Agosto, vive Apúlia as suas grandiosas e afamadas festas, em honra da Senhora do Amparo, no lugar de Criad, e da Senhora da Guia, junto à Praia, este ano nos dias 6, 7 e 8, e 20, 21 e 22, respectivamente, com arraiais, fogos de artifício e preso, procissões, bandas de música, conjuntos musicais e folclore, do melhor que se vê nas redondezas.

GRUPO DESPORTIVO DE APÚLIA — Graças aos esforços do senhor Padre Manuel Casado Neiva, Pároco de Apúlia e Presidente da Mesa da Assembleia Geral do nosso Clube Desportivo, o Apúlia já tem direcção para a próxima época, e, ao que nos dizem, tudo gente muito válida, muito ambiciosa e responsável.

Como não sabemos neste momento o nome de todos os integrantes dos Corpos Sociais do Clube, no próximo número daremos uma informação mais detalhada sobre o assunto, sem deixar de nos congratularmos já com a boa notícia.

DIA DA PARÓQUIA — Tendo como lema «Construir a Comunidade», celebrou a Igreja de Apúlia o dia da Paróquia, e cremos que pela primeira vez fora das paredes da «Casa comum», em pleno pinhal, onde foi celebrada Missa, seguida de almoço de convívio, servido e confeccionado por muitas centenas de apulienses.

Houve desfiles de grupos de crianças, de adolescentes, jovens e adultos. Cantou-se as «Janeiras», cantou-se e dançou-se o nosso folclore, conviveu-se em sã e saudável alegria. O dia 20 de Junho que a todos pareceu pequeno, tal era o entusiasmo visível nos rostos e nos corações, foi, afinal, um dia muito grande. um dia que há-de ser recordado por toda a Paróquia e por muito tempo.

Quantos Terços e quantas Missas não valeram aquela familiaridade, aquele convívio fraterno e aquela contagiante alegria?... Assim, também se reza, também se faz apostolado e, também se fazem amizades...

Parabéns à paróquia, e um obrigado ao seu Pároco.

CARTAS DE LONGE

Recebemos a visita de Luís Manuel Fonseca da Silva, radicado na Bélgica, filho do nosso amigo Joaquim Morais da Silva (desta vez o nome saiu bem?).

Ele pretende criar um cantinho «Carlas de Longe», onde todos os fangueiros ausentes poderão colaborar. Desde já fazemos especial apelo aos nossos conterrâneos Amândio Caramalho, António Torres, Maximino Neto, Boaventura Peixoto e outros, para que não deixem de colaborar. Escrevam sobre o que quiserem. «O Novo Fangueiro» será um cordão que trará unidos todos os fangueiros.

A vasta coleção «Dicionários Editores acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada generalidade, como de especialidade, enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da sêrie de palavras e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA



O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 376/3007 COIMBRA CODEX
EMP. L. LUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

FALECIMENTO

Com a idade de 86 anos faleceu, em Fão, Rosa Almeida Pires, uma das irmãs Saúde que morava no início da rua Azevedo Coutinho. Longevas todas as três, a Parca começou a fazer a sua escolha. Enfim, é a vida ou antes a morte a que

ninguém pode fugir. Que descanse em paz.



A família de Rosa Almeida Pires, recentemente falecida, vem por este meio agradecer às pessoas que lhe demonstraram, por ocasião da morte do seu ente querido, todo o carinho, conforto e ajuda. Bem hajam.

ABERTURAS

Na rua de Santa Bárbara abriu um novo talho, ficando Fão com três casas do género. Há quem diga quatro, porque o mini-mercado que existe por de baixo do banco também fornece carne.



Como já anunciamos em tempo, abriu por cima do banco uma discoteca-bar. O nome é sugestivo. Chama-se Modéstia à Parte. Lá que é original, não temos dúvidas. E assim Fão já possui seis bares. Em nosso entender estas casas deviam combinar entre si a venda de uma bebida específica que fosse também específica no preço. Além de outras como é evidente. Criava-se assim uma espécie de «via-sacra», com paragem obrigatória em cada uma delas. Em Lisboa, havia no nosso tempo um roteiro semelhante que começava com os famosos Eduardinhos, ali no Largo de S. Domingos.

Isto tinha que extrapolar forçosamente para fora da freguesia pois Fão não tem gente para tanto bar. Há que pôr a imaginação a fazer esquemas, a conceber os melhores caminhos para chamar gente. É imperioso iniciar em Fão uma movida, a *movida fangueira*.

FELIZ ANIVERSÁRIO

Foi mesmo um feliz aniversário que D. Maria Angelina Saraiva Soares viveu no domingo, dia 8 de Agosto. Foram 80 primaveras passadas em comunhão com os filhos, com outros familiares e com algumas pessoas amigas.



A D. Angelina na companhia dos filhos, dos netos e restante família

Pode dizer-se que o Hotel do Pinhal, propriedade de seu filho Aníbal Soares, esteve em festa. Houve «copo de água», houve música, estralejaram foguetes e cantaram-se os *parabéns a você* com muito amor e muita amizade.

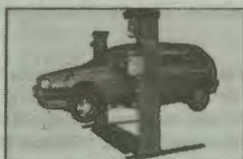
«O Novo Fangueiro agradece a honra do convite e formula votos para que esta data se repita por muitos anos.



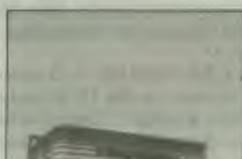
REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES

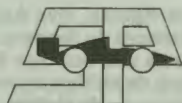


LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 - 60 83 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206



stand porto

J. SÁ PEREIRA



COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS
NOVOS E SEMI-NOVOS (C/ GARANTIA)

QUALIDADE • PREÇO • CORTESIA • PRESTÍGIO

R. JOAQUIM ANTÓNIO AGUIAR, 87-95 — TELEFS.: 567465-5104988
FAX 567465 — PORTO

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

O BOM JESUS DE FÃO

Antiga Ermida

A lenda, referida pelo Padre Chaves, diz que a Capela do Bom Jesus de Fão é do tempo dos mouros, o que nos levaria ao século VIII.

Ora, existindo na capela-mor desse templo uma sepultura datada de 1626, de Paulo Carneiro de Figueiredo, tudo indica ter sido este senhor quem mandou construir a capela ou, pelo menos, contribuiu extraordinariamente para a sua erecção ou em especial para a construção da capela-mor. Assim, a antiga ermida era dos finais do século XVI ou princípios do século XVII.

Paulo Carneiro de Figueiredo devia pertencer à Casa de Senra, Vila do Conde, antigos proprietários da casa brasonada da Rua Azevedo Coutinho, em Fão, onde funcionou vários anos o Clube dos Amigos de Fão.

Desta família, da Casa de Senra, foram juizes da Irmandade do Bom Jesus de Fão os seguintes senhores:

1774/76 — Manuel Carneiro de Figueiredo;

1781/82 — António Carneiro de Figueiredo Pereira Coutinho Vilhena;

1782/83 — Manuel Carneiro de Figueiredo Pereira de Moura;

1783/84 — João Carneiro Pereira Gajo de Figueiredo Coutinho Vilhena e Moura;

1785/86 — Luís Pereira Carneiro Figueiredo Gajo.

— Devido às cheias, que inundavam a capela e à incúria dos párocos de Fão, seus administradores, por na época ainda não existir a Confraria, a mesma ameaçava ruínas em 1707, como vimos no artigo sobre «Pedro Domingues da Cruz», publicado neste jornal em abril último.

Os visitantes, mandados pelo senhor Arcebispo de Braga, a pedido do povo de Fão, retiraram a administração aos párocos de Fão e determinaram que, de futuro, só os oficiais do Bom Jesus poderiam arrecadar e administrar as esmolas.

Para obstar ao desvendo de receitas, ordenaram se fizesse um caixão com várias repartições para trigo, milho, linho, dinheiro, etc., tendo três chaves, respectivamente para o Juiz, tesoureiro e pároco.

Este caixão só poderia ser aberto na presença dos três, que lavriariam auto de abertura, discriminando auto de abertura, discriminando o que encontraram no mesmo, entregando depois as esmolas, assim arrecadadas, à guarda do Tesoureiro, fazendo o seu registo no livro, rubricado pelo Juiz de Resíduos.

De futuro os párocos de Fão não poderiam intrrometer-se na arrecadação das esmolas para o Bom Jesus de Fão, sob pena, ipso facto, de excomunhão maior e suspensão. No entanto, mais tarde, alguns párocos de Fão foram eleitos, pelos irmãos, Juiz da Irmandade e, portanto, seus administradores.

Em 23 de Maio de 1581 o Papa Gregório XIII, pela Bula «HODIE EMANARUNT» atribuiu à Capela Ducal de Vila Viçosa 5/6 partes dos rendimentos da Igreja de S. Paio de Fão. Os dízimos desta Igreja reverteram para

o Chantre de Vila Viçosa nos princípios do século XVIII. Ao Pároco de Fão restavam apenas 1/6 dos dízimos!

É certo que o Bispo de Vila Viçosa tinha de conservar a Capela-mor, por 1836, a Capela-mor ameaçava ruínas, pois a «Chantre» não cuidava da sua conservação».

Quando das invasões francesas os párocos tiveram de ir ao administrador do Concelho declarar os seus rendimentos. Em Esposende, o Pároco de Gemeses, além das décimas (dízimos?), permissas, rendimentos do passal e Pé do Altar refere despesas, com entrega de trigo, dinheiro, etc., a várias entidades, 50\$000 a um Padre para celebração de missas, 50\$000 ao coadjutor, 20\$300 reis de décimas e aos cobradores dos dízimos 24\$000 e para reparação da residência, Igreja e fábrica dela 30\$000. O remanescente era seu.

Em Fão seria também assim? A fonte consultada nada refere, talvez pelo Pároco de Fão ter feito as suas declarações em Barcelos?

Sabemos, no entanto, que em 1836 os rendimentos do Pároco de Fão provinham:

— De cada morador, nas cinco festas do ano — 100 réis mais, um vintém (moeda equivalente a dois centavos de escudo) — total, 42\$720 reis;

De cada cabeceira que falecer ou for herdado — 3\$200 reis — total, 12\$800 réis;

— De cada baptizado ou casamento 126 réis, total anos, 4\$080 réis;

— Pelas festas anuais, segundo o costume, de cada uma 100 réis, somando no ano 1\$200 réis;

— Pelos aniversários — 100 réis, sendo cada uma capela 1\$200 réis, o que dava, no ano, 5\$200 réis;

— 18 rasas de pão mcado, que à Igreja pagava um caseiro de Gemeses, assim como as premissas e mais pensões, que de costume antigo se costumava pagar, equivalente a 6\$880 réis ano;

— De Côngrua 86\$000, lançada sobre o povo, em derrama, pela Junta de Paróquia.

Nada contra sobre esmolas caídas nas caixas, na Igreja ou no peditório nas missas.

As despesas de conservação da Igreja, paramentos, hóstias, vinho e cera corriam por conta da Junta de Paróquia.

É provável que em 1707 o sistema em vigor, em Fão, se assemelhasse ao referido atrás para Gemeses, daí o pouco cuidado em fazer despesas de conservação das capelas.

A primitiva capela, segundo a tradição, tinha a porta principal voltada para as Pedreiras e situava-se nas imediações do actual templo. Era pequena. Dispunha de duas sacristias, sendo uma delas grande.

Além do altar-mor, dedicado ao Bom Jesus, possuía dois laterais, um da Senhora das Angústias e outro do Senhor dos Aflitos.

Em 1721 ou 1722 a veneranda Imagem do Bom Jesus foi transferida para a actual Capela, ainda inacabada.

A ermida antiga estava em ruínas em 1772. OFICIAIS DO BOM JESUS — eram eleitos anualmente pelo povo, no dia da festa do

Bom Jesus. Eram constituídos por Juiz, secretário e tsoureiro.

Eram simples mordomos, com a missão de organizarem as festas e receberem os clamores. As esmolas eram administradas pelos párocos.

Mais tarde houve oficiais de terra — nobres, sacerdotes, ricos proprietários ou artífices e oficiais do mar — todos os mestres das lanchas de Fão e de muitas da Póvoa de Varzim.

Só a partir da decisão dos visitantes de 1707 passaram a ser os administradores dos rendimentos da Capela, embora só muito mais tarde viesse a ser fundada a Confraria.

(Continua)

CARLOS MARIZ

ACTIVIDADES ROTÁRIAS

Perante uma assistência atenta e interessada, o Dr. José Bernardino Amândo proferiu na reunião no dia 16 do mês de Julho do Rotary Clube de Esposende uma palestra subordinada ao título «O MAR NA ORIGEM E FORMAÇÃO DE ESPOSENDE».

O seu presidente, Eng.º Adelino Marques, usando da palavra antes da intervenção do palestrante, disse congratular-se pela honra que o Dr. José Amândio deu ao Rotary de Esposende ao aceitar o convite que lhe foi formulado para falar de Esposende de outros tempos! E, ao fazê-lo, acrescentou que este convidado é um devotado investigador e conhecedor das coisas da nossa terra!

Com o jeito que lhe é peculiar e a competência que lhe é reconhecida, o Dr. José Amândio começou a sua palestra referindo que a população de Esposende se teria, a princípio, dedicado à agricultura para, mais tarde, se virar para o mar.

Dissertou, a seguir sobre as diversas fases da vida da gente deste burgo e sublinhou a importância que Esposende já teve no comércio marítimo. Disse que o seu porto de mar teve grande movimento e que Esposende possuía, na segunda metade do Séc. XVI mais de 80 embarcações de grande porte enquanto Viana do Castelo teria somente cerca de 50.

Continuando, o palestrante falou sobre o rio Cávado e da sua história no contexto do desenvolvimento desta cidade cujo foral (ou carta régia) lhe fora atribuído em 1752 por D. Sebastião.

Entrou, a seguir, no assunto que se prende com o aparecimento do nome de Esposende, o que teria acontecido no séc. X. Disse ser o resultado da justaposição de dois vocábulos, um de raiz romana — Espanus — e outro de origem gótica ou germana — Zende — e que significaria «Caminho de Espanha». Frisou, no entanto, que este problema de toponímia tem sido tratado de diferentes formas por diversos estudiosos.

Na sua exposição, o palestrante referiu, ainda, que a grande maioria do povo de Esposende vivia, em recuados tempos, muito sobre o mar e que uma parte dos seus filhos se perdeu quer em naufrágios quer em batalhas navais. Recordou nomes que pereceram nestas ocasiões e afirmou que alguns deles ainda hoje existem na comunidade local!

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

É sempre agradável chegar a Fão, fugindo ao bulício da cidade e ver como a Vila progride e se adorna.

Há sempre coisas novas. Pena é que nem todas estejam certas.

Por exemplo, as futuras instalações dos Bombeiros, sem querer ferir ninguém, têm um «senão».

A passagem do Largo do Cai, para a rua dos Bombeiros Voluntários de Fão, continua com o «bico» que sempre teve.

Antes das obras e não só, o trânsito era pouco e não havia a movimentação de carros que hoje existe.

Já aquela casa verde que fica no largo não devia ter sido construída desalinhada das outras erguidas na rua dos B. V. de Fão.

Obriga o automobilista a manobras perigosas e põe os transeuntes em perigo.

Mas enfim, está feita há muitos anos e não tem outra solução; no entanto, fazer hoje uma construção e cometer um erro idêntico, estrangulando uma passagem de bastante trânsito, não se admite.

Aquela artéria, que há anos atrás, não tinha movimento nenhum e que eu por graça lhe chamava a «rua do lá vem um», é hoje uma via obrigatória para entrar ou sair da Vila.

Há anos quando abriu o Restaurante «Tio Pepe» começou a ter algum movimento, mas hoje, com o comércio que ali se instalou e com a passagem debaixo da ponte, o trânsito aumentou consideravelmente onde é preciso guiar com cautela e onde o estacionamento é um problema.

Não quero atacar ou melindrar ninguém mas aqui fica o reparo, mas adiante...

Há um certo cuidado em arranjar e alinhar a Vila.

Os jardins arranjados e com flores, tanto no Cortinhal como no Bom Jesus, dão ao ambiente um aspecto cuidado e apetecível.

Os canteiros com cercaduras e flores garbadas e variadas, denotam zelo e interesse pela terra.

Já há ruas arranjadas, casas concertadas e pintadas de branco. Tudo isto dá à terra um ar de menina recatada e simples.

De assinalar, a abertura de vários estabelecimentos:

Na rua dos Bombeiros, um Bar, uma casa fotografica, uma perfumaria e uma casa de vídeo.

Nas antigas instalações da agência bancária U.B.P. há um estabelecimento de mobílias e artigos utilitários, que não havia em Fão.

Há também uma nova casa comercial de máquinas e outros aparelhos, no Palacete da tua Azevedo Coutinho, onde o seu proprietário, Sr. Esteves aproveitou um belíssimo espaço. Parabéns pela ideia.

Na marginal do rio, um salão de chá e muitas mais coisas espalhadas.

A Pousada da Juventude, está quase pronta. A cor de rosa não é talvez a mais feliz, mas o edifício está bonito.

Espero que esta Junta também se interesse pelas actividades culturais.

Quem está atento, nota que a mocidade não se preocupa pelas coisas subtis e intelectuais.

Nas exposições que se efectuaram do Centro Cultural de Fão, organizadas pela Cooperativa Cultural, integradas nas festas do

Senhor de Fão, a ausência da maioria da mocidade foi impressionante.

No entanto, se aparece um conjunto a fazer barulho, a gente nova não falha...

Eu não sou contra a música e acho que ela é uma ponte entre todos os povos e um meio de aproximação.

Mas, concordemos que a cultura não é só música.

Os jovens, para aprenderem, têm que ler muito, para assim saberem apreciar todas as actividades.

É através dos livros que tudo se aprende.

AOS QUE NADA FAZEM.. SOBRA-LHES O TEMPO PARA CENSURAR OS QUE TRABALHAM

Ao despertar, manhã cedo, com o chilrear dos pardais quase sobre a minha cabeça, ao longe a poupa com o seu «poupa», «poupa», o quê?... pois se nada sobra!...

A primeira imagem a povoar o meu cérebro é Fão e as suas gentes. Principiando a ver aqueles que trabalham em benefício da terra e suas Instituições e os que nada fazem e apenas censuram. Principiemos pelos primeiros: terei assim oportunidade de prestar a minha sentida homenagem ao falecido Dr. José Novais. Como Presidente do Conselho Fiscal da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários deu prestimosa colaboração à Direcção quando da aquisição do Pronto Socorro. Sempre ajudou gratuitamente dando explicações a alguns estudantes. Não importava de interromper seu sono a qualquer hora da madrugada para atender um amigo.

Seus filhos bem souberam seguir o exemplo de seu pai. Explicando: Dr. Luís Vinha Novais — foi Comandante dos Bombeiros em período bastante difícil para o corpo activo; foi presidente do Clube Fãozense com dignidade. Sempre que à porta lhe batiam, não só para explicações que dava de bom grado e gratuitamente, mas também sempre atendendo as pessoas para assuntos a tratar em Viana do Castelo, Braga, ou qualquer outra terra.

Dr. Joaquim Vinha Novais — está diariamente a trabalhar para o público. Vão à sede da Junta de Freguesia e lá o encontram sempre bem disposto para atender toda a gente...

Deixei para último precisamente aquele com quem mais de perto tenho convivido, Dr. José Vinha Novais. Quarenta anos decorridos sem que a nossa amizade tenha sofrido a mais pequena beliscadura... Por essa altura (1940 e...) alguém a quem eu não podia nem devia dizer que não, foi a minha casa pedir-me para eu tentar conseguir que o Dr. José Vinha Novais desse explicações ao filho. Logo me disse que sim. O explicando dentro de poucos anos era médico e hoje especialista. Esse foi o meu primeiro pedido. Agora já lhe perdi a conta de quantas e quantos tem ensinado a meu pedido e nada da minha pessoa em troca. Por tanto bem, Bem Hajas...

Quando estou em Fão, todos os dias conversamos. Eu, bastante desolado, disse que alguns sócios não queriam pagar as suas quotas... Sua resposta em tom de censura não se fez esperar:

— Tu como Presidente da Direcção e restantes membros é que são culpados...

— Eu sei; deviam ser eliminados de sócios. Eles desculpam-se dizendo que a Direc-

Não deixem a nossa Biblioteca vazia. Vão até lá e aprendam a amar tudo aquilo que de bom o homem faz, inventa, cria para deleite do espírito.

A Cooperativa Cultural de Fão, precisa do apoio da gente nova. Ela foi criada para amparar, recriar e apoiar a juventude.

Sozinha, nada poderá fazer, mas todos de mãos dadas, novos e velhos, ainda podem fazer desta terra um centro com muito interesse.

Há muito ainda para fazer, mas tenhamos confiança em Deus e nos fangueiros e não deixemos adormecer os nossos sonhos.

Vêm aí os aos da promoção e da luta; as autarquias têm que mostrar quanto valem. Quem ficar para trás, nunca mais recuperará. Que ninguém em Fão «perca o comboio».

ção lhes mudou o número. Esses números já vinham deturpados da Direcção transacta; logo eu não tenho a mínima responsabilidade.

— Eles acabam por pagar... que te parece em admitir elementos femininos para sócias?

— É ótima ideia!

— A primeira vai ser a minha esposa.

— E a segunda a minha filha Zita.

Agora esperemos que outras senhoras façam o mesmo.

Eu, como Presidente do Clube, tenho que destacar as pessoas que o ajudam... Principio pelo nosso bom amigo Berto Didier que já há muitos anos vem comprando as cartas que se gastam no Clube, perdendo tempo que lhe faz falta... Professor dr. Rui Agonia Pereira, dispendendo algumas dezenas de contos em coisas que o Clube deixa de comprar.

Já que falamos em tão modesta personagem, justo é que se diga que há bastantes anos vem conseguindo melhorar o emprego de alguns e arranjar emprego para outros. Desde muito novo que gosta de ser prestável.

Nesta minha ronda, não posso atirar para o esquecimento o homem que sem pompas nem espalhafato, foi Presidente do Clube Fãozense, com prestígio. O futebol da terra muito lhe deve... e ultimamente como Juiz da Irmandade do Senhor Bom Jesus ninguém o igualou em trabalho profícuo. Este homem chama-se Adelino Saraiva.

O Hospital de Fão tornou-se numa realidade: bem servir... graças aos seus directores, destacando o seu Provedor Celestino Morais. Deve ser difícil encontrar noutro Hospital médicos mais prestáveis...

Dr. Armando Saraiva o homem que leva o nome de Fão por essa Europa, Américas do Norte de do Sul... o jornal é para ele o que um filho é para um bom pai. E o que ele tem passado como Presidente da Assembleia Geral do C. Futebol de Fão...

Aos sócios que têm trabalhado para bem das agremiações locais e que eu não menciono explicitamente, peço imensa desculpa.

Se tiver saúde voltarei ao mesmo assunto...

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

PROF. MÁRIO RAMIRO

Este ilustre fangueiro tem vivido um estado de saúde preocupante.

Grande amigo deste jornal, foi também dedicado jornalista no jornal «O Cávado» onde manteve uma página referida a Fão.

Fazemos ardentes votos pelas suas melhoras.

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO FEIJOEIRO

(Continuado do número anterior)

Processor — Variedade temporã, com ciclo de 54 dias. Planta com 40-45 cm de altura e folhagem verde escura. Vagem lisa, com 14 x 0,8 cm, de secção redonda e coloração verde médio. Grão branco.

Tendergreen — Variedade temporã, com ciclo de 52 dias. Planta com cerca de 40 cm, muito compacta e produtiva. Vagem com 15 x 0,8 cm, curva e de secção arredondada-oval. Grão vermelho-acastanhado, manchado de amarelo-torrado. Resistente ao mosaico.

Tenderlog — Porte rasteiro. Vagem verde, direita ou ligeiramente curva, estreita, de comprimento médio e secção circular. Grão de tamanho médio, oblongo e de coloração castanho-escura, mosqueada. Variedade precoce.

Top-Crop — Variedade muito temporã, com ciclo de 49 dias. Planta com 45-50 cm, erecta, vigorosa e muito produtiva. Vagem com 15 x 0,8 cm, de secção redonda, cor verde médio e muito carnuda. Grão castanho, manchado de pardo. Resistente aos vírus.

As variedades *Brittle Wax* e *Kentucky Wonder* incluem-se entre as que revelam óptima qualidade para a industrialização. Além de várias das artérias, são também muito utilizadas em França as variedades *Reine des Belges*, *Tromph de Farcy* e *Conserve*.

5. EXIGÊNCIAS

5.1. Clima

O feijão tem o melhor desenvolvimento em climas relativamente pouco húmidos e com temperaturas suaves. As condições de clima mediterrânico ou temperado quente são-lhe bastante favoráveis. Desenvolve-se e produz melhor em regiões que se caracterizam por pequenas oscilações térmicas.

Não convém que a humidade relativa ambiente seja inferior a 60% nem superior a 70% ao longo do ciclo vegetativo da planta. Em geral, verifica-se uma melhor tolerância à humidade nas fases iniciais do desenvolvimento do que na maturação.

As temperaturas críticas são as seguintes:

Congelamento da planta — 1° C
Paragem do desenvolvimento — 8° - 10° C

Germinação:

Temperatura mínima — 12° C
Temperatura média — 18° - 30° C
Temperatura máxima — 35° C

Desenvolvimento vegetativo:

Temperatura mínima — 10° - 12° C
Temperatura óptima — 18° - 30° C
Temperatura máxima — 35° - 40° C

Floração:

Temperatura mínima — 12° - 15° C
Temperatura óptima — 15° - 25° C
Temperatura máxima — 30° - 40° C.

A floração das flores é reduzida em grande medida quando a temperatura desce a 1° - 2° C.

Na América do Norte foram realizadas experiências que confirmaram a influência da temperatura sobre o desenvolvimento do feijoeiro. Assim, os trabalhos efectuados numa variedade demonstraram que a polinização só era possível a temperaturas compreendidas entre + 15.° e + 25.° C e, em geral, unicamente durante a noite. A frutificação é dificultada pelas temperaturas muito elevadas, sobretudo se ocorrerem no decurso de tempo seco. Nestas circunstâncias as sementes abortam e as vagens sofrem demonstrações.

Não se deve ignorar que o estado de secura e o excesso de calor constituem situações que podem ser responsáveis das flores e, por isso, pelo decréscimo das produções.

Quanto à luminosidade, avalia-se geralmente em 1000 lux a intensidade luminosa mínima necessária para o crescimento normal da planta.

O desenvolvimento da planta é muito prejudicado pelos grandes frios, pelos ventos fortes e pelas geadas. a susceptibilidade a estas é de tal ordem que a cultura em cada região só é viável fora da época em que não ocorre este acidente meteorológico.

5.2. Solos, correcções e adubações

Embora se possa desenvolver em qualquer tipo de solos, o feijoeiro prefere os de textura média — franco-arenosa, areno-argilosa ou franca —, fundos, bem drenados (condição essencial) e com reacção um tanto ácida.

(Continua no próximo número)

Basta

a melhor alternativa

Herbicida total
Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 26 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst

Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Com. Sítio n.º 1436

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

DESPORTO

(Continuado da pág. 14)

Belmiro Penetra, integrado na selecção nacional vai tomar parte no próximo campeonato do mundo.

★

Os mais jovens campeões nacionais em K4 foram os cadetes João de Jesus, Diogo Silva, Alberto Ferreira e Pedro Silva.

★

Foi aberto ao público mais um bar. Chama-se Náutico Bar e está instalado no edifício do Posto Náutico.

RESTAURANTE-BAR

Ofir

Junto ao Hotel do Pinhal

BIANCHI E NERI

HAMBURGERS
CROISSANTS
GELADOS
PIZZAS

Refeições completas ou ligeiras, no interior, na esplanada ou levar para fora («take away»).

Agora também com serviço de Restaurante

Av. da Praia — Ofir — Tel. 053 - 981473



CURSO DE HOTELARIA

No antigo edifício das Escolas Amorim Campos vai funcionar já este ano o Curso de Hotelaria. Haverá dois cursos:

Técnico de Mesa - Bar - nível 2 - 6.º ano de escolaridade.

Curso de Técnico - turístico - 9.º ano de escolaridade.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

(CONSULTAS GRATUITAS)

Rua da Misericórdia, 4-6 — Tel. 75777
4700 BRAGA

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA
TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS
TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538
APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarinho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos
Correios será por conta do assinante.

ENTRE O RIO E O MAR, JUNTO AO ESTUÁRIO DO CÁVADO

Facilidades Especiais para:

BANQUETES

Casamentos
Baptizados
Aniversários

Reuniões de Empresas
Estágios Desportivos

BUNGALOWS (T0, T1, T2) nos jardins das piscinas, a preços PROMOCIONAIS POR DIA, SEMANA OU MÊS
Desde: dia: 5.000\$00 — 15 dias: 50.000\$00 — semana: 30.000\$00 — 1 mês: 90.000\$00

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 98 14 73
FAX 053 - 98 22 65



NOITES DE OFIR

No dia 24 de Julho no restaurante panorâmico do Sopete Ofir Hotel (em termos de marketing esta expressão não colhe) a animação e a beleza conjugaram-se para proporcionar uma noite em pleno, uma noite diferente. E essa diferença notou-se no menu, bem escolhido, bem confeccionado e bem apreciado pela assistência que enchia o salão.

Depois houve um menu social diferente: Eleição de Miss Praia Ofir/Nova gente 1993 onde 10 moças, com idade à volta dos 18, 19 anos se exibiram com garbo, com arte e com distinção. Havia tensão e expectativa entre a assistência e um certo nervoso miudinho entre as concorrentes a que se juntava um certo, medo e uma certa esperança.



A representante de Esposende Sandra Elisabete Maciel Ramalho que ficou em 2.º lugar, 1.ª dama de honor

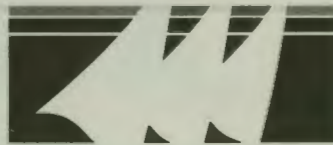
Depois a locutora, profissional com certeza, prestou-se para criar essa electricidade nos ares. As donzelas passearam e repassaram-se na *passerele*, ora apressadas, ora dengosas, sorriso profissional nos lábios (tanto quanto o permitia o tal nervoso) apareciam e desapareciam da vista do público e finalmente a sentença derradeira: 1.º lugar para a Sandra Sousa Alves. A representante de Esposende foi eleita dama de honor (2.º lugar).

FINALMENTE AS DOCAS

Por despacho do senhor Director Geral de Portos foi lançado o concurso público da empreitada de «Execução de Infraestruturas Marítimas de Esposende Doca de Recreio e Doca de Pesca».

O referido concurso vem dar seguimento ao Protocolo celebrado entre a Câmara Municipal e o Ministério do Mar, onde para além das obras agora lançadas a concurso foi assumido o compromisso por aquele Ministério de realizar os estudos necessários para a recuperação da barra.

A obra agora lançada a concurso, diz respeito à construção das duas mencionadas docas. O preço base do concurso é de 780.000 contos + IVA, o prazo máximo de execução da obra é de 24 meses e as respectivas propostas serão abertas às 14.30 h do dia 16 de setembro do corrente ano.



A QUINTA DA BARCA TRANSFORMOU-SE E TRANSFORMA A MARGEM DIREITA DO CÁVADO

No passado dia 30 de Julho realizou-se em Gemezes a apresentação oficial da Quinta da Barca. Trata-se de um projecto turístico arrojado que consta de um aldeamento no formoso meandro da Barca do Lago que inclui um núcleo de 170 habitações unifamiliares e um campo de golfe de nove buracos. Enquadrado por um edifício de galerias destinadas a habitação multifamiliares, o piso térreo será reservado a lojas, bares, restaurantes, discotecas, etc., criando um centro de convívio e lazer, ponto de encontro e animação de todo o complexo. Está prevista a construção de uma marina e também de um hotel.

Esta iniciativa pertence a Barca do Lago Pinhos, S.A. que foi constituída por um grupo de empresários de Esposende, tendo como principal accionista e presidente do Conselho de Administração, o Eng. Jorge Cruz que é paralelamente gerente da Eregir, empresa responsável pela construção e promoção da Quinta da Barca.

JERUSALÉM ANO XXXIII

Pois é. Os irmãos Matias já se sentiam pequenos dentro do presépio que todos os anos concebiam na igreja do Sacramento em Lisboa. Então abalçaram-se a reconstruir, em miniatura, já se vê, a cidade de Jerusalém do ano XXXIII. Consultaram livros, pediram informações, foram à embaixada de Israel, falaram com especialistas e acabaram por reproduzir um trabalho notável onde a memória epocal sai de mãos dadas com o dom artístico dos Irmãos Matias.



A exposição esteve na Igreja do Sacramento onde foi visitada por milhares. Agora veio para Esposende onde estará patente ao público desde 13 a 29 de Agosto. ali há rigor e arte.

Estamos convencido que vai ser um sucesso.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Últimos resultados: Gondifelos, 2 - Fão, 3; Fão, 1 Lousado, 0 - Ribeirão, 1 - Fão, 1.

Ficamos a meio da tabela. Desportivamente a época correu bem, apesar de se conseguir uma Direcção em cima da bora. No entanto, com todos os contratemplos, os directores lá foram levando a água ao seu moinho, apesar da pouca experiência de alguns. Há sempre que fazer justiça a quem desinteressadamente serve o futebol de Fão.

Para este ano lá começou o calvário das assembleias. No entanto, neste momento, dia 7 de Agosto parece lobrigar-se uma luz ao fundo do túnel, já que apareceu meia dúzia de pessoas com vontade de trabalhar. Dirigir em Fão é sempre difícil, as despesas são cada vez maiores e as receitas não são elásticas.

Ainda bem que vai escorrendo para o clube uma fonte de receita que é o bar da sede. Muita gente discute futebol, dá a sua opinião abalizada, mas poucas são as pessoas que sabem o quanto é difícil dirigir um clube nos dias de hoje. Os jovens de agora já não são jogadores que andam de baliza às costas e Fão, não sendo uma terra muito rica, também não é pródtiga a ajudar o clube de futebol local.

Neste final de ano desportivo é de inteira justiça relevar o trabalho do treinador, mesmo que tecnicamente seja discutível, desempenhou as suas funções com grande sacrifício e amor ao clube.

Um aviso aos nossos jovens futebolistas: não se precipitem e, portanto não se deixem aliciar pelo canto das sereias de fora, pois o futebol fangueiro não morreu e a sua sobrevivência dependerá em grande parte do vosso esforço e do vosso amor à terra.

CANOAGEM

A canoagem de Fão continua de vento em popa. Os atletas do Nautico de Fão, Belmiro Penetra, como sénior, e Míguel Pedras, como júnior, estiveram integrados nos estágios que decorreram em Melres, Vila Nova de Mil Fontes e Mértola com vista à sua participação nas provas internacionais.

Realizaram-se já provas na Bélgica, na França, na Checoslováquia e Alemanha. Se a participação dos juniores não foi famosa, já o mesmo não poderá dizer-se dos seniores. O nosso atleta Belmiro Penetra conseguiu na Bélgica a medalha de prata em K2, e em França, dois primeiros lugares. Na Alemanha, em virtude do seu companheiro de embarcação ter adoecido, não lhe foi possível ter participado nas provas finais, não obtendo por isso qualquer classificação.

Apesar de não terem sido seleccionados, estiveram também presentes nestes estágios federativos, João Filipe Santos (júnior) e Pedro Miquelino (cadete).

★

A existência de um posto náutico em Fão, não só fez aumentar o número de atletas canoístas, como tem permitido ajudar deficientes motores que nele são acolhidos para recuperarem dos males que os vem afligindo. Foi o caso de jovens deficientes, instalados em locais de férias no concelho da Póvoa de Varzim, que através de um protocolo estabelecido entre entidades responsáveis puderam durante alguns dias beneficiar das suas magníficas instalações para a prática de desportos no Rio Cávado. Quer os atletas, quer os dirigentes e técnicos do Nautico foram inxcedíveis em atenções para com os jovens visitantes.

(Continua na pág. 10)